



Processo Seletivo PPGFIL/UFOP Doutorado - 2020

Segunda Etapa Prova da área de concentração – Filosofia

Questão 1

Na Estética de Hegel, a situação da arte deve ser analisada de acordo com o desenvolvimento do espírito como um todo. A certo ponto da Introdução de seus Cursos, Hegel nos apresenta o que ficou conhecido como **“a morte, ou fim, da arte”**.

Ele lembra que

...ela [a arte] não é, seja quanto ao conteúdo seja quanto à Forma, o modo mais alto e absoluto de tornar conscientes os verdadeiros interesses do espírito. Pois justamente a sua Forma já a restringe a um determinado conteúdo. Somente um certo círculo e estágio da verdade pode ser exposto no elemento da obra de arte. Para ser autêntico conteúdo da arte, a verdade ainda deve possuir a determinação de poder transitar para o sensível e de poder nele ser adequada a si, como é o caso, por exemplo, dos deuses gregos. (...) O caráter peculiar da produção artística e de suas obras já não satisfaz nossa mais alta necessidade. Ultrapassamos o estágio no qual se podia venerar e adorar obras de arte como divinas. A impressão que elas provocam é de natureza reflexiva e o que suscitam em nós necessita ainda de uma pedra de toque superior e de uma forma de comprovação diferente. O pensamento e a reflexão sobrepõem a bela arte.” (HEGEL, 1999, p. 34).

Questão:

Explique como Hegel, na sua narrativa para organizar temporalmente a arte, expõe sua doutrina das três formas da arte, indicando finalmente o que o levaria a afirmar tal diagnóstico terminal.



HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética*. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. Vol. I. São Paulo: Edusp, 1999. (Introdução).

Chave de Resposta 1

Hegel tentou unir as duas histórias, a da arte e a da cultura ou da sociedade em geral, por meio das *concepções-do-mundo* (*Weltanschauung*). Admitiu ele que o *Ideal* é determinado historicamente, produzindo três formas de expressão artística que correspondem a diferentes visões ou concepções-de-mundo. A primeira, *simbólica*, apenas sugere a representação do divino, porque a ideia ainda não dominou inteiramente a matéria. É o tipo de expressão que predomina nas grandes culturas do Oriente, e que dá início à descoberta religiosa do sagrado. Na segunda, *clássica*, a forma, como ideia, impõe-se à matéria e nela transparece. É peculiar à concepção grega do mundo, que foi capaz de harmonizar o geral e o individual, a natureza e o espírito, o humano e o divino. Finalmente, na expressão *romântica*, a beleza sensível se interioriza, a espiritualidade torna-se exigente e o artista procura a realidade dentro de si mesmo. **Nunes, Benedito. Introdução à filosofia da arte. São Paulo: editora ática, 2006. P. 101.**

(...)

Eis por que na Introdução às suas *Lições de Estética*, Hegel fez esta advertência: ‘*a arte é para nós, quanto ao seu supremo destino, coisa do passado*’. A morte da Arte, anunciada por Hegel era, para o filósofo, uma certeza histórica. Julgava ele que a poesia não mais encontrasse condições numa época demasiadamente prosaica. A sociedade civilmente organizada, o império das leis, a hegemonia do Estado, haviam sacrificado a antiga estatura dos heróis que vicejavam na Epopeia e anulado os conflitos fundamentais de que puderam nascer as grandes tragédias clássicas. De nada adiantaria aos poetas buscarem o refúgio da vida interior, para daí cantarem as suas desilusões, fracassos e esperanças vãs. Faltam, nesse mundo prosaico, as condições mínimas de que o ideal necessita para sobrepor-se à realidade, sem dela afastar-se inteiramente. O lirismo romântico é a última encarnação da poesia, prestes a morrer no isolamento subjetivo que a realidade impôs aos poetas. **Idem, p. 106.**

Chave de Resposta 2

Hegel propõe que a primeira forma de correlação entre elementos materiais e espirituais seja o que ele denomina “arte simbólica”, na qual a espiritualidade se encontra ainda muito incipiente, o que se expressa tanto numa certa rusticidade formal quanto num excesso de materialidade bruta nas obras. Exemplos concretos dessa forma de arte são todas as manifestações arquitetônicas e escultóricas da Antigüidade não-clássica, nas quais os enormes colossos de pedra, por um lado, e as estátuas em que a figura humana é mesclada a



características animais, por outro, são indícios de uma espiritualidade que ainda não encontrou sua perfeita contrapartida material. Mas o desenvolvimento daquela espiritualidade leva à superação da arte simbólica e ao surgimento da “arte clássica”, na qual o perfeito equilíbrio entre os fatores espirituais e materiais engendra uma representação naturalística, ainda que idealizada, da figura humana como habitante de ambos os mundos, o sensível e o inteligível. A contraparte histórica dessa concepção de “arte clássica” é o período e maior florescimento da arte na Antiguidade grega, com suas produções tanto visuais quanto literárias e musicais. Hegel sugere que, se o que estivesse em questão fosse “apenas” o atingimento da forma artística perfeita, o desenvolvimento do espírito absoluto pararia nesse momento da história cultural, pois “a forma clássica da arte atingiu o ponto mais elevado que a sensificação da arte pode realizar e, se nela algo é insuficiente, isso é apenas a própria arte e a limitação da esfera da arte” (VÄ I, p. 111). Por essa razão, a arte clássica é superada pela “arte romântica”, que significa, para Hegel, aquela produzida a partir do início da era cristã e que se caracteriza por um “excesso” de espiritualidade, implícito na nova idéia de interioridade que adveio com o Cristianismo, o qual começa a extrapolar suas manifestações sensíveis até transbordar e não caber mais na “limitação da esfera da arte”. Esse é um modo de compreender a “necessidade” do fim da arte na estética de Hegel.

Duarte. Rodrigo. A desartificação da arte segundo Adorno: antecedentes e ressonâncias. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.2, jan. 2007. P. 20 – 21

No final do mesmo artigo, lembrando-se da passagem em que Hegel diz “pode-se ter a esperança de que a arte vá sempre progredir mais e se consumir”, mas sua verdade e vida não dependem mais de nenhuma realidade exterior, pois foram transferidas para nossas ideias e nos convida agora a uma contemplação intelectual., Duarte aproxima Hegel de Danto para dizer:

(...) o pensamento de Hegel era que por um período de tempo as energias da história coincidiram com as energias da arte, mas agora a história e a arte devem ir em direções diferentes e, apesar de a arte continuar podendo existir no que chamei de um modo pós-histórico, sua existência já não porta qualquer significância histórica,” (Ibid, p. 34).

(...)

(...) chegou à sua “autoconsciência filosófica”, que seria um sinônimo do fim de sua história, de um modo análogo à estética hegeliana, na qual o fim da arte, como parte da autoconsciência do espírito, redundará na filosofia. (Idem.)



Questão 2

Explicita o sentido do conceito de simpatia na *Teoria dos Sentimentos Morais*, de Adam Smith, articulando-o ao de conveniência (*propriety*), de modo a indicar o papel da imaginação na moralidade.

SMITH, Adam. *Teoria dos Sentimentos Morais*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. (Primeira Parte: Da conveniência da Ação).

Chave de resposta:

Roteiro de excertos a serem mobilizados na resposta:

E 1) Simpatia:

a) TSM, I, 1, § 5: “Piedade e compaixão são palavras que com propriedade denotam nossa solidariedade pelo sofrimento alheio. Simpatia, embora talvez originalmente sua significação fosse a mesma, pode agora ser usada, sem grande impropriedade, para denotar nossa solidariedade com qualquer paixão”.

b) TSM, I, 1, § 6-7: “Em algumas ocasiões, a simpatia parece surgir da mera visão de certa emoção em outra pessoa. Em algumas ocasiões, as paixões parecerão transfundidas de um homem a outro instantaneamente (...). Todavia, isso não é universalmente válido, ou válido para todas as paixões”.

E 2) Imaginação:

TSM, I, 1, § 2: “Como não temos experiência imediata do que outros homens sentem, somente podemos formar uma ideia da maneira como são afetados se imaginarmos o que nós mesmos sentiríamos numa situação semelhante (...). Nossa imaginação apenas reproduz as impressões de nossos sentidos, e não as alheias. Por intermédio da imaginação podemos nos colocar no lugar do outro, concebemo-nos sofrendo os mesmos tormentos, é como se entrássemos no corpo dele e de certa forma nos tornássemos a mesma pessoa, formando assim,



alguma ideia das suas sensações, e até sentindo algo que, embora em menor grau, não é inteiramente diferente delas”.

E3) Conveniência:

a) TSM, I, 3, § 1: “Quando as paixões da pessoa a quem principalmente concernem estão em perfeita consonância com as emoções solidárias do espectador, necessariamente parecem a este último justas e próprias, adequadas aos seus objetos; e, ao contrário, quando, colocando-se no lugar dele, descobre que não coincidem com o que sente, necessariamente lhe parecem injustas e impróprias, inadequadas às causas que as suscitam. Portanto, aprovar as paixões de um outro como adequadas a seus objetos é o mesmo que observar que simpatizamos inteiramente com elas”.

b) TSM, I, 3, § 6 “Na adequação ou inadequação, na proporção ou desproporção que o afeto parece manter com relação à causa ou objeto que o suscita, consiste a conveniência ou inconveniência, a decência ou deselegância da ação consequente”.

c) TSM, I, 3, § 9: “Quando julgamos desta maneira qualquer afeto para saber se é proporcional ou desproporcional à causa que o provoca, é pouco provável que usemos qualquer regra ou norma que não seja o afeto correspondente em nós próprios. Se, analisando o caso em nosso próprio peito, descobrimos que os sentimentos por ele ocasionados coincidem e concordam com os nossos, necessariamente os aprovamos como proporcionais e adequados a seus objetos; mas, caso contrário, necessariamente os reprovaremos como extravagantes e desproporcionais”

Em síntese, espera-se que o candidato, em sua resposta, mostre claramente que o conceito de **simpatia**, em Smith, remete a um fenômeno (que é universal para a natureza humana) de compartilhamento de sentimentos em geral (“solidariedade com qualquer paixão”) de que é capaz um espectador “x” com relação a um agente “y” que experimenta esses sentimentos. Smith esclarece que esse processo é dependente da **imaginação**, uma vez que não é possível experimentar diretamente os sentimentos dos outros (“não temos experiência imediata do que outros homens sentem”). Trata-se de um processo que culmina em um juízo de aprovação, isto é, de **conveniência**, ou de desaprovação, de inconveniência dos



sentimentos expressos pelos agentes afetados – o que é, necessariamente, uma operação da **imaginação** (“colocando-se no lugar dele, descobre que não coincidem com o que sente”). Esse juízo de **conveniência** é balizado pela “consonância” dos afetos do espectador com o agente afetado, que, por sua vez, tem a ver com a proporção ou desproporção do afeto manifestado em relação ao seu objeto ou causa. A aprovação da **conveniência**, assim, é um fenômeno de “**simpatia**”, isto é, de participação simpática nos afetos dos outros.

Questão 3

As ideias ou formas inteligíveis, que são diversas, muitas vezes figuram como o vértice do conhecimento para Platão. Procure mostrar como todo o trecho indicado da República (504c-519d) parece exigir que se considere o vértice do conhecimento como um princípio único.

PLATÃO. *A República*. 11. ed. Introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. (Livros VI e VII - De 504c até 519d).

Chave de resposta

Sócrates caracteriza a ideia do Bem como a mais elevada das ciências. Estaria, portanto, acima do conhecimento das outras ideias.

Sócrates procura explicar a ideia do Bem em três momentos: pela analogia com o sol, pela imagem da linha dividida e pelo mito da caverna

Pela analogia com o sol, a ideia do Bem está para os objetos inteligíveis como a luz do sol está para os objetos sensíveis. Para que se dê a visão dos objetos visíveis (com cor) não basta a existência de tais objetos e de um indivíduo capaz de enxergar: é necessária a presença da luz para que se dê de fato a visão. Por analogia, segundo o texto, a ideia do Bem seria o que



tornaria possível o conhecimento dos objetos inteligíveis como as formas transcendententes platônicas. Se existem os objetos inteligíveis e inteligências individuais, estas só poderiam chegar a conhecer tais objetos na presença da ideia do Bem.

Ainda segundo a analogia, assim como os olhos dependem da luz para enxergarem, mas podem enxergar a própria luz, haveria um princípio do qual o intelecto depende para a sua atividade se efetive, mas que pode ser compreendido pelo próprio intelecto. Mais uma vez, esse princípio seria a ideia do Bem.

Na linha dividida, que se segue à analogia com o Sol, se menciona como vértice do processo dialético, que conduz ao conhecimento mais elevado, um princípio não-hipotético, que, mais uma vez, é único e poderia ser identificado com a Ideia de Bem.

No mito da caverna, que se segue à linha dividida, há uma ascense ao conhecimento mais alto, que está representado pela visão direta do Sol, que, por analogia, é como a ideia do Bem.

O que o texto todo indica repetidamente, portanto, é que há na República um princípio supremo único a ser compreendido como vértice de todo o conhecimento.